

CUIDAR AS PESSOAS E AO MUNDO

Pe. Justino Sarmiento Rezende sdb¹

INTRODUÇÃO

Agradecendo a oportunidade de participar do atual Simpósio Teológico, com o tema: **AMAZÔNIA: novos caminhos para a Igreja**. O Sínodo da Amazônia tem me surpreendido continuamente. Proporciona muitas aprendizagens, suscita coragem, permite sonhar e criar esperanças. Agora eu estou na frente dos senhores cardeais e bispos; pessoas especializadas. Eu os considero como meus irmãos e minhas irmãs maiores da Igreja.

Para a elaboração dessa partilha eu fiquei refletindo e meditando sobre o que eu deveria dizer para as pessoas tão especiais e sábias como vocês. Lembrei-me da figura de um indígena Asteca, da região do México, que recebeu o nome cristão de Juan Diego, nascido em 1474, acolheu a fé cristã pelos ensinamentos dos franciscanos. Foi batizado (1524) quando tinha 50 anos e tornou-se cristão dedicado, piedoso, homem de oração, de penitências e homem simples. Ele caminhava 22 km para ouvir a Palavra de Deus, da sua aldeia à cidade do México.

No dia 9 de dezembro de 1531, quando ele caminhava de madrugada para ir à Igreja, entre sua vila e o monte Tepeyac a Virgem de Guadalupe apareceu-lhe pela primeira vez e em língua asteca, dizia: “Juan Dieguito”, “o mais humilde de meus filhos”, “meu filho caçula”. Ela confiou-lhe a missão de levar a mensagem ao bispo Dom João de Zumárraga de que no local de sua aparição deveria ser construída uma igreja. Juan Diego obedeceu ao pedido da Virgem, mas o bispo não o acreditou. Na segunda vez o bispo queria prova concreta. Diante dessas atitudes Juan Diego ficou triste, desanimado e decepcionado. Ficou com medo de seguir pelo caminho para não encontrar-se com a Virgem Maria, pois também tinha medo dela.

No dia 12 de dezembro quando a Virgem apareceu novamente Juan Diego expressou sua decepção com o bispo; disse que não queria mais levar a mensagem ao bispo. Maria lhe disse: “filhinho querido, não estou eu contigo? Eu, que sou tua mãe?” Com essas palavras Juan Diego sentiu-se fortalecido novamente. A Virgem Maria pediu-lhe que fosse colher as flores no monte Tepeyac, em pleno inverno, época em que não tinha flores. Ele obedeceu, encontrou as flores, colheu-as e levou embrulhado com o seu manto à Virgem Maria. Ela por sua vez pediu-lhe que levasse ao bispo aquelas flores como prova da veracidade da mensagem de Nossa Senhora.

1. SÍNODO DA AMAZÔNIA

Certo dia do ano de 1998 eu fui presidir a Eucaristia numa comunidade de religiosas de vida consagrada em São Paulo. Quando eu cheguei percebi que elas me olhavam com desconfiança, até o momento em que uma delas disse: antes os “brancos” iam evangelizar os índios, agora os índios vêm evangelizar os “brancos”. E, quando pensei nessa fala veio em minha mente a minha própria condição de ser indígena diante dos Cardeais, bispos e demais especialistas. Como vocês recepcionariam a minha pessoa e o que falo. Eu pensava comigo mesmo: como a minha mensagem poderia atingir o vosso coração e não somente a vossa mente, academicamente bem estruturada? Como eu conseguiria despertar a confiança com as minhas contribuições?

¹ Indígena do povo ʘtãpinopona/Tuyuka. Dupo é nome original do Pe. Justino. Nascido no dia 30 de junho de 1961, na aldeia Onça-igarapé, município de São Gabriel da Cachoeira – Amazonas – Brasil. É religioso da Sociedade de São Francisco de Sales – Salesianos de Dom Bosco. Fez a primeira profissão religiosa no dia 6 de janeiro de 1984 e profissão perpétua no dia 6 de janeiro de 1991. Ordenado Sacerdote no dia 2 de junho de 1994. Trabalhou entre os povos indígenas nos anos da Missão Salesiana de Iauareté nos períodos de 1994-1997; 2004, 2007-2008; entre o povo Yanomami na Missão Salesiana de Marauá no período de 2010-2016. Formação acadêmica: Licenciatura em Filosofia (UCB/Brasília), Bacharelado em Teologia (FTNSA/São Paulo), Mestrado em Educação Indígena (UCDB/Campo Grande) e cursando Doutorado em Antropologia Social (UFAM/Manaus). Texto elaborado para o Simpósio Teológico – AMAZÔNIA: novos caminhos para a Igreja, Roma, 24-26/06/2019.

O indígena asteca Juan Diego² teve um encontro com a Virgem de Guadalupe antes de levar mensagem ao bispo, mesmo assim foi difícil despertar confiança do bispo. Eu, um indígena Tuyuka não tive encontro com a nossa Mãe Maria. Mas estou aqui com a minha própria vida indígena vivida na Amazônia. Todos os povos poderiam trazer muitas flores aqui. Mas eu carrego no meu coração os clamores, os sonhos e esperanças dos povos amazônicos e indígenas. Com o Sínodo: “A Amazônia está vivendo um momento de graça, um *kairós*. O Sínodo é um sinal dos tempos no qual o Espírito Santo abre novos caminhos que discernimos através de um diálogo recíproco entre todo o povo de Deus.” (IL, n. 28). O que nós temos muito é a esperança de uma nova vida, nova terra, nova Amazônia: “O Sínodo da Amazônia se transforma assim em um sinal de esperança para o povo amazônico e para a humanidade inteira. Trata-se de uma grande oportunidade para que a Igreja possa descobrir a presença encarnada e ativa de Deus: nas mais diferentes manifestações da criação; na espiritualidade dos povos originários...” (IL, n. 33).

2. POVOS AMAZÔNICOS E INDÍGENAS

Nós povos amazônicos e os povos indígenas do Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa somos criaturas de Deus, criados à sua “imagem e semelhança” (Gn, 1, 26). Somos seres humanos, pertencentes a diversos povos. Do Criador/Criadora, do Pai/Mãe recebemos muitas riquezas, conhecimentos e continuamos inspirados e recebendo as revelações divinas em diversos tempos, no cotidiano e nas celebrações. Ele/Ela nos dá seus dons para que saibamos cuidar da vida humana e do mundo.

Os conhecimentos se transformam em religiosidades, espiritualidades e teologias e nos ensinam que “Deus é mistério e supera toda a lógica humana. Deus nos ama e se insere em toda a nossa vida. Ele se torna visível, integra tudo o que existe, é o coração de toda a realidade, sua presença está em todos os povos e culturas.”³

Os nossos avós e pais realizam os rituais/cerimônias de danças, cantos, ritmos, pinturas, adornos, benzimentos (orações e rezas originárias de cada povo), silêncios, evocações, narrativas de nossas histórias sagradas. Eles realizam cerimônias de prevenção dos males, apaziguamento das forças destrutivas, realizam cerimônias de harmonização das pessoas, das casas, comunidades, dos rios, florestas, das roças, dos seres vivos, dos pássaros, da terra, da constelação, da lua, sol, dos ciclos da vida: gravidez, nascimento, primeira alimentação, primeira menstruação da menina, harmonização da família, proteção das doenças, cura das enfermidades e até a despedida desse mundo (morte).

Os nossos avós muito cedo escolhiam algumas pessoas para serem preparadas. Utilizando seus benzimentos, desde o momento do nascimento, já iniciava o processo de preparação das pessoas que se tornariam sábios/sábias especializados. Nos primeiros anos, a mãe e o pai, assumem em nome do filho/filha duras dietas alimentares. Pois nossos avós nos ensinam que desta forma o filho e filha crescem e se amadurecem desenvolvendo as qualidades específicas, pré-colocadas no coração e na mente da criança: “O Espírito está presente como força vital na vida e nas expressões dos povos originários.”⁴ A partir da adolescência o menino/menina assume e vive as disciplinas recomendadas pelos sábios. A formação inicial e continuada, séria e exigente, do cotidiano e dos rituais capacita o jovem. Cada um deles, conforme, a capacidade de assimilação dos conhecimentos eles/elas atingem a maturidade. Tornam-se pessoas com poderes de agenciar as forças físicas e espirituais, capazes de transformar os materiais (sólido, líquido...) em fontes de proteção, estabelecer o equilíbrio das relações humanas, relações equilibradas dos seres humanos com outras realidades envolventes, entre os diversos mundos.

² Em outubro de 2014 fui participar do V Simpósio de Teologia Indígena – Revelação do Verbo, San Cristobal de las Casas, México (Chiapas) e visitei o lugar de aparição de Nossa Senhora de Guadalupe a Juan Diego.

³ Conclusões do V Simpósio de Teologia Índia, Chiapas, 2014.

⁴ Idem.

Eles com seus benzimentos dialogam com os seres invisíveis/espirituais para trazer para o mundo material as forças invisíveis capazes de cuidar a vida humana, vida da comunidade, do meio ambiente, etc.

Em língua tuyuka os nossos Kumua (filósofos, teólogos, benzedores, curas, protetores), Bayarua (especialistas de cerimônias de danças e cantos), Yaiwa (especialistas em detectar as doenças e extrair as doenças) e mulheres sábias nos ensinam que o Avô/Pai/Mãe do Mundo, das pessoas, dos seres vivos existentes no mundo das constelações, no mundo subterrâneo e no patamar da terra, no firmamento, entregou-nos os conhecimentos para que com eles cuidássemos bem das pessoas, das comunidades, dos territórios e do cosmo. “O ser humano não é somente criatura, mas imagem e filho de Deus. Ao encarnar-se, Deus se fez humanidade e parte do cosmo” (LS 99; 236)⁵ A nossa dignidade consiste em sermos povos, com nossas riquezas e valores que o Avô/Pai/Mãe da Criação nos deu.

As sabedorias divinas encarnadas em cada cultura também sinalizam quando não conseguimos viver conforme a vontade divina e conforme gostaríamos de viver. Algumas práticas humanas destroem nossas vidas, corrompem nossas atitudes humanas e desestruturam as nossas relações sociais; desequilibram a conexão com os diversos mundos. Sentimo-nos atingidos pelas forças dos males que nos impedem de viver bem com as pessoas. Diante dessas imperfeições buscamos caminhos de mudança, como indivíduos, como povo e comunidades. Mais uma vez aparecem as figuras de pessoas especializadas, como vozes proféticas, a nos orientar e fazer rituais para estabelecer harmonia e equilíbrio dentro de nós mesmos como indivíduos e como membros de um povo de irmãos. Os nossos sábios são pessoas de profunda compreensão do mundo e das pessoas. Para atingir a tal profundidade cultivam as meditações individuais e coletivas no cotidiano e nas festas. Eu acredito que foi o Criador/Criadora que ilumina suas vidas, suas meditações e suas falas aos membros de seu povo. Inspirados pelas sabedorias invisíveis/divinas eles ajudam a resolver os diversos desequilíbrios humanos e sociais.

3. EVANGELIZAÇÃO

Há mais ou menos 500 anos os primeiros missionários chegaram à Amazônia. Com o passar dos anos e séculos diversas congregações religiosas masculinas e femininas chegaram à região. Cada congregação ao seu modo, também diante de diferentes formas de aceitação, resistência e negação dos povos indígenas, realizaram os trabalhos para os quais chegaram: evangelizar, cristianizar, civilizar, etc. São muitos séculos de histórias, não dá para entender em pouco tempo a complexidade da ação missionária. São muitas pessoas envolvidas, missionários, missionárias, sacerdotes, bispos e milhares de leigos pertencentes aos diversos povos amazônicos e povos indígenas. Muitos indígenas receberam os sacramentos da Igreja: Batismo, Eucaristia, Reconciliação, Crisma, Matrimônio, Unção dos enfermos.

Quanto ao sacramento da Ordem, pouquíssimos indígenas receberam esse sacramento durante todos esses séculos. Os nossos avós acostumados com essa história pouco questionaram sobre isso. Muitos indígenas pensam que tornar-se sacerdote é próprio para o não indígena, não um sacramento da Igreja. Quando um indígena se torna sacerdote eles perguntam: por que você se tornou sacerdote? Você não é indígena? Indígena pode ser sacerdote? O Sínodo da Amazônia nos desafia a propor novos caminhos para a Igreja. Não é um trabalho fácil, pois mexe com os conhecimentos e práticas bem enraizadas, com raízes bem profundas nas nossas mentes e nossos corações.

⁵ Conclusões do V Simpósio de Teologia Índia, Chiapas, 2014.

4. EXPERIÊNCIAS CRISTÃS E VOCACIONAIS

Eu nasci (1961) numa aldeia, uma comunidade cristã e meus pais eram catequistas. Meu pai era um catequista disciplinado, conforme as tradições da Igreja, diariamente animava a oração da manhã na comunidade, com sua família rezava o rosário todos os dias, aos domingos dirigia o culto dominical, visitava cada família para ajudá-las na vivência dos valores cristãos. Meu pai faleceu com 33 anos de catequista (1996) e minha mãe faleceu em 1989. Assim como os meus pais existem milhares de catequistas que animam a vida cristã em suas comunidades.

Foi nessa aldeia que quando eu era adolescente eu vi uma cena missionária e vocacional: um missionário italiano muito animado catequizava os velhinhos da aldeia. Ele falava-lhes em língua portuguesa, por isso, eles não entendiam. Apesar de não entenderem, mantinham-se com os olhos fixos no missionário. Com a minha imaginação de um adolescente tuyuka pensei que eu poderia me tornar sacerdote para falar aos meus avós com a nossa língua e eles entenderiam a beleza da mensagem de Jesus.

Depois o meu pai me deixou para estudar no internato da Missão Salesiana de Pari-Cachoeira⁶ Foi lá que numa das visitas ao internato o bispo da Prelazia do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira contou para nós que ele iniciaria um Seminário para acompanhar os jovens que quisessem se tornar sacerdotes. Tendo ouvido essa notícia, eu e mais alguns jovens nos interessamos e fomos conversar com um sacerdote salesiano. Quando ele ouviu que nós queríamos estudar para sermos sacerdotes, ele disse: ser sacerdote não é para os indígenas. Nós acreditamos nisso e seguimos nossa vida de estudantes. Noutro tempo outro salesiano se dispôs a acompanhar quem quisesse seguir a vocação. Foi assim, que eu decidi seguir o caminho vocacional, mas o meu avô e minha mãe não concordaram com essa decisão, pois eles tinham me preparado desde criança para eu me tornar uma pessoa especializada em rituais de danças/cantos. O meu pai que era catequista consentiu que eu fizesse tal experiência.

Estamos no início da década de 1980. Eu fui para Manaus e começar a caminhada vocacional. Fui seguindo por todas as fases da formação (aspirantado, pré-noviciado, noviciado, estudos filosóficos e teológicos). Tive muitas dificuldades, mas superei com a ajuda de meus formadores e colegas. Eu estive fazendo memória desde o ano de 1980 até o tempo presente, ultrapassamos de 300 jovens que passaram nos Seminários: salesianos, capuchinhos, diocesanos e outras congregações. Muitos decidiram sair nos primeiros anos de formação, outros no período de votos temporários, alguns após a profissão perpétua; outros saíram durante os estudos da Filosofia, outros durante os estudos da Teologia e outros nos primeiros anos de sacerdócio.

A partir dessas experiências mal sucedidas nós salesianos, no ano de 1994 na Missão Salesiana de Iauareté, iniciamos o Centro de Formação Indígena (CFI) para o acompanhamento das vocações indígenas nos primeiros três anos de formação. Durante esse período procuramos trabalhar os temas indígenas para fortalecer as identidades indígenas e prepará-los para as seguintes etapas formativas. Após esses anos iniciais os jovens indígenas são enviados para outras etapas que, geralmente, funcionam nas cidades. Graças à nova experiência alcançamos resultado mais satisfatório. Daqueles que passaram nesse Centro, 5 tornaram-se sacerdotes; 1 estudante de Teologia, um estudante de Filosofia, 3 noviços, 6 pré-noviços e dois aspirantes. Houve aumento de indígenas sacerdotes no clero diocesano: 4 sacerdotes, 1 diácono, outros estudam Filosofia e Teologia em Manaus. Outros indígenas estão em outras congregações. As vocações femininas têm aumentado bastante em diferentes congregações religiosas que atuam na nossa região.

O quadro atual mostra para os povos indígenas da nossa região que é possível o seguimento à vocação sacerdotal e religiosa. Assim desconstruímos a visão de que tornar-se sacerdote é

⁶ Os salesianos saíram dessa Missão no final do ano de 1998.

próprio de não indígena, mas tornar-se sacerdote faz parte da vida cristã, da resposta positiva ao chamado de Deus. Com a graça de Deus e com ajuda de irmãos da Comunidade vivemos os conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência. O celibato como um dom de Deus é vivido em todas as culturas.

5. VIDA SACERDOTAL E MISSIONÁRIA

No início do ano de 1994 quando ainda era diácono fui enviado por meus superiores como missionário na Missão Salesiana de Iauareté, Amazonas – Brasil. Trabalhei com os povos: Arapaso, Tariano, Tuyuka, Tukano, Desano, Piratapuia, Wanano, Kubeu, Miritapuia, Hupda e outros. No dia 2 de junho fui ordenado sacerdote. Iauareté foi um dos lugares que atuei em diferentes períodos (1994-1997; 2005; 2007-2008). Eu sendo um sacerdote indígena quis fazer inovações no estilo de atuação pastoral e celebrativa. Sonhamos e concretizamos as celebrações inculturadas, com cantos e ritmos em língua tukano; utilização das pinturas corporais, etc. Elaboramos subsídios para uma Catequese inculturada. Essas tentativas de inovação também geraram dúvidas e conflitos entre os indígenas, questionavam: por que os elementos culturais antes considerados diabólicos pelos missionários na atualidade são utilizados nas celebrações das missas? Diante disso, nem eu nem o povo estávamos preparados para inovações profundas. Como eu já disse anteriormente, o estilo missionário antigo estava bem enraizado nas mentes e nos corações de indígenas cristãos. Por isso, eu digo que mudar de mentalidade não é tão rápido, pois mexe com muitas histórias, tradições, sentimentos, emoções, estrutura psicológica e crenças construídas por muitas décadas.

Nos anos de 2007-2008 eu fui diretor e pároco na mesma Missão Salesiana. O curso de mestrado em educação que acabava de defender colaborou com a minha prática pastoral, estudos de nossas riquezas culturais e retomar com as celebrações inculturadas e catequese inculturada. A participação dos sábios e das sábias de cada povo foi muito importante para que pudessemos assumir os sonhos como comunidade paroquial. Eles mesmos estavam assumindo o protagonismo na preparação das celebrações, na formação de lideranças, catequistas, ministros extraordinários da Sagrada Comunhão, coordenadores de diversas pastorais. Eu sonhava junto com eles fazer um trabalho diferente do que os salesianos vindos da Europa, sem perder o carisma salesiano e sem perder os valores culturais de cada povo.

No período de 2010 a 2016 eu fui enviado como missionário entre o povo Yanomami, na Missão Salesiana de Marauíá – rio Marauíá – Amazonas/Brasil. Quando cheguei ali, o primeiro salesiano havia chegado há 49 anos. Eu ajudava na formação dos professores yanomami. Vivíamos a nossa vida salesiana, vida de oração e celebrativa. Os jovens, adolescentes e crianças participavam desses momentos. Na missa quando nós missionários recebíamos a Comunhão todos eles queriam comungar e nós dizíamos para eles que não poderiam comungar, ainda.

Nós dizíamos para eles que somente depois do batismo receberiam a primeira eucaristia. Os jovens e os adolescentes diziam: eu quero ser batizado e receber a primeira comunhão para receber o Corpo de Jesus. Eu, sendo um indígena como eles sentia-me incomodado com aquilo, como também sentia muito incomodado com os missionários que diziam que ainda não era tempo de batizar os Yanomami. Mas eu dizia: já estamos aqui há 50 anos; quando vamos dar a esses Yanomami o que eles mais desejam: o batismo e a eucaristia? A partir da constatação desse desejo começamos a preparar, passaram ainda cinco anos. As lideranças chegavam comigo e

diziam: padre Justino, o senhor é nosso parente, o senhor tem que batizar nossos filhos! Eu dizia: estamos preparando.

A vontade de receberem os sacramentos estava se intensificando. Até que no ano de 2015 durante a visita do bispo eles deram o ultimato: senhor bispo, o senhor vai nos batizar? Se não nos batizar não venha mais; os missionários há muito tempo estão nos enganando, dizendo que vão batizar e não batizam. A partir dessa atitude radical dos Yanomami começamos a batizar os Yanomami.

Em meio ao povo Yanomami eu senti mesmo quanto é difícil viver a alteridade. Mas eles me ajudaram a descolonizar minhas visões e práticas sacerdotais e até mesmo minhas visões e práticas tuyuka. Permitiram-me mergulhar na cultura deles, participando de seus rituais, suas danças, suas pinturas. E, ao mesmo tempo eu sonhava que eles poderiam enriquecer muito mais do que eu na vida da Igreja, pois são detentores de tradições vivas. Na minha imaginação eu dizia para os meus irmãos salesianos que os Yanomami, um dia salvariam a nossa província, sendo seminaristas, tornando-se salesianos e sacerdotes. Mas para chegar a esse nível tinha que partir do primeiro sacramento. Se eles não eram batizados, ainda, não é porque eles não queriam, mas nós missionários decidimos não batizá-los, mesmo quando eles expressavam que queriam ser batizados e viver a vida yanomami cristã.

CONCLUSÃO

O Sínodo da Amazônia veio para nos provocar. Que tenhamos a capacidade de colocar-nos no lugar do outro. Quem não nasceu nem vive na Amazônia fazer o difícil exercício de pensar os desafios a partir da Amazônia a partir das visões dos povos amazônicos e indígenas. Percorrer um caminho interior de superação dos preconceitos, desrespeitos, discriminação, exclusão historicamente construídos por diversos membros da Igreja. Os povos indígenas precisam ser reconhecidos e respeitados pela Igreja para que vivendo em seus territórios construam uma Igreja com rosto indígena. A Igreja precisa construir novo tipo de relação entre os membros da Igreja, indígenas e não indígenas, que a Igreja confie e aposte nas capacidades e riquezas dos povos indígenas. Esse processo novo precisa passar pela mudança profunda de atitudes, partilhar com os povos indígenas o que de melhor a Igreja pode partilhar o amor que Deus tem por todas as suas criaturas. A Igreja com rosto amazônico e rosto indígena surgirá das novas atitudes humanas, cristãs e eclesiais. Dessa forma os rostos amazônicos e indígenas estarão mais serenos, confiantes, dispostos, sorridentes, comprometidos, corajosos, satisfeitos no processo de evangelização, nas celebrações, etc.

Os diversos ministérios que se originam dentro de cada cultura amazônica e indígena podem ser reconhecidos e valorizados como ministérios eclesiais. Os novos ministérios pensados com os povos amazônicos e indígenas para a Igreja na Amazônia precisa ser resultado da nova forma de ser Igreja na Amazônia, não somente para superar a falta de ministros ordenados para atender as grandes regiões geográficas.

CUIDAR A LAS PERSONAS Y AL MUNDO

Padre Justino Sarmiento Rezende SDB⁷

INTRODUCCIÓN

Agradeciendo la oportunidad de participar del actual Simposio Teológico, con el tema: AMAZONÍA: nuevos caminos para la Iglesia. El Sínodo de la Amazonía me ha sorprendido continuamente. Proporciona muchos aprendizajes, suscita valentía, permite soñar y crear esperanzas. Ahora estoy delante de los señores cardenales y obispos; personas especializadas. Yo los considero como mis hermanos y mis hermanas mayores de la Iglesia.

Para la elaboración de este compartir me quedé reflexionando y meditando sobre lo que yo debería decir a personas tan especiales y sabias como ustedes. Me acordé de la figura de un Azteca, de la región de México, que recibió el nombre cristiano de Juan Diego, nacido en 1474, acogió la fe cristiana por las enseñanzas de los franciscanos. Fue bautizado (1524) cuando tenía 50 años y se convirtió en cristiano dedicado, piadoso, hombre de oración, de penitencias y hombre simple. Él caminaba 22 km para oír la Palabra de Dios, de su aldea a la ciudad de México.

El 9 de diciembre de 1531, cuando él caminaba de madrugada para ir a la Iglesia, entre su pueblo y el monte Tepeyac la Virgen de Guadalupe se le apareció por primera vez y en lengua azteca, decía: "Juan Dieguito", "el más humilde de mis hijos", "hijo mío". Ella le confió la misión de llevar el mensaje al obispo Don Juan de Zumárraga de que en el lugar de su aparición debía construirse una iglesia. Juan Diego obedeció a la petición de la Virgen, pero el obispo no lo creyó. La segunda vez el obispo quería una prueba concreta. Ante estas actitudes Juan Diego se quedó triste, desanimado y decepcionado. Se quedó con miedo de seguir por el camino para no encontrarse con la Virgen María, pues también tenía miedo de ella.

El 12 de diciembre cuando la Virgen apareció de nuevo, Juan Diego expresó su decepción con el obispo; dijo que no quería llevar el mensaje al obispo. María le dijo: "Hijito querido, ¿no estoy contigo? Yo, que soy tu madre." Con esas palabras Juan Diego se sintió fortalecido nuevamente. La Virgen María le pidió que fuera a cosechar las flores en el monte Tepeyac, en pleno invierno, época en que no había flores. Él obedeció, encontró las flores, las cosechó y se las llevó envueltas con su manto a la Virgen María. Ella a su vez le pidió que llevara al obispo aquellas flores como prueba de la veracidad del mensaje de Nuestra Señora.

⁷ Indígena del pueblo ʘtãpinopona / Tuyuka. Dũpo es el nombre original del P. Justino. Nacido el 30 de junio de 1961, en la aldea Onça-igarapé, municipio de São Gabriel da Cachoeira - Amazonas - Brasil. Es religioso de la Sociedad de San Francisco de Sales - Salesianos de Don Bosco. Hizo la primera profesión religiosa el 6 de enero de 1984 y profesión perpetua el 6 de enero de 1991. Ordenado sacerdote el 2 de junio de 1994. Trabajó entre los pueblos indígenas en la Misión Salesiana de Iauareté en los períodos de 1994-1997, 2004, 2007-2008; entre el pueblo Yanomami en la Misión Salesiana de Marauiá en el período 2010-2016. Formación académica: Licenciatura en Filosofía (UCB / Brasilia), Licenciatura en Teología (FTNSA / São Paulo), Maestría en Educación Indígena (UCDB / Campo Grande) y cursando Doctorado en Antropología Social (UFAM / Manaus). Texto elaborado para el Simposio Teológico - AMAZONÍA: nuevos caminos para la Iglesia, Roma, 24-26/06/2019.

1. SÍNODO DE LA AMAZONÍA

Un día del año 1998 fui a presidir la Eucaristía en una comunidad de religiosas de vida consagrada en San Pablo. Cuando llegué percibí que me miraban con desconfianza, hasta el momento en que una de ellas dijo: antes los "blancos" iban a evangelizar a los indios, ahora los indios vienen a evangelizar a los "blancos". Y cuando pensé en ese discurso vino en mi mente mi propia condición de ser indígena ante los Cardenales, obispos y demás especialistas. Cómo ustedes recibirían a mi persona y lo que hablo. Yo pensaba conmigo mismo: ¿cómo mi mensaje podría alcanzar su corazón y no sólo su mente, académicamente bien estructurada? ¿Cómo conseguiría despertar la confianza con mis contribuciones?

El indígena azteca Juan Diego⁸ tuvo un encuentro con la Virgen de Guadalupe antes de llevar el mensaje al obispo, aunque fue difícil despertar la confianza del obispo. Yo, un indígena Tuyuka no tuve un encuentro con nuestra Madre María. Pero estoy aquí con mi propia vida indígena vivida en la Amazonía. Todos los pueblos podrían traer muchas flores aquí. Pero yo llevo en mi corazón los clamores, los sueños y esperanzas de los pueblos amazónicos e indígenas. Con el Sínodo: "La Amazonía está viviendo un momento de gracia, un kairós. El Sínodo es un signo de los tiempos en que el Espíritu Santo abre nuevos caminos que discernimos a través de un diálogo recíproco entre todo el pueblo de Dios" (IL, 28). Lo que tenemos mucho es la esperanza de una nueva vida, nueva tierra, nueva Amazonía: "El Sínodo de la Amazonía se transforma así en un signo de esperanza para el pueblo amazónico y para la humanidad entera. Se trata de una gran oportunidad para que la Iglesia pueda descubrir la presencia encarnada y activa de Dios: en las más diversas manifestaciones de la creación; en la espiritualidad de los pueblos originarios..."(IL, n. 33).

2. PUEBLOS AMAZONICOS E INDÍGENAS

Nosotros, pueblos amazónicos y los pueblos indígenas de Brasil, Bolivia, Perú, Ecuador, Colombia, Venezuela, Guyana, Surinam y Guayana Francesa somos criaturas de Dios, creados a su "imagen y semejanza" (Gn, 1, 26). Somos seres humanos, pertenecientes a diversos pueblos. Del Creador / Creadora, del Padre / Madre recibimos muchas riquezas, conocimientos y continuamos inspirados y recibiendo las revelaciones divinas en diversos tiempos, en lo cotidiano y en las celebraciones. Él / Ella nos da sus dones para que sepamos cuidar de la vida humana y del mundo.

Los conocimientos se transforman en religiosidades, espiritualidades y teologías y nos enseñan que "Dios es misterio y supera toda la lógica humana. Dios nos ama y se inserta en toda nuestra vida. Él se vuelve visible, integra todo lo que existe, es el corazón de toda realidad, su presencia está en todos los pueblos y culturas"⁹.

Nuestros abuelos y padres realizan los rituales / ceremonias de danzas, cantos, ritmos, pinturas, adornos, bendiciones (oraciones y rezas originarias de cada pueblo), silencios, evocaciones, narrativas de nuestras historias sagradas. En el caso de las ceremonias de prevención de los males, apaciguamiento de las fuerzas destructivas, realizan ceremonias de armonización de las personas, de las casas, comunidades, de los ríos, bosques, de los campos de cultivo, de los

⁸ En octubre de 2014 fui a participar en el V Simposio de Teología Indígena - Revelación del Verbo, San Cristóbal de las Casas, México (Chiapas) y visité el lugar de aparición de Nuestra Señora de Guadalupe a Juan Diego.

⁹ Conclusiones del V Simposio de Teología India, Chiapas, 2014.

seres vivos, de los pájaros, de la tierra, de la constelación, de la luna, sol, de los ciclos de la vida: embarazo, nacimiento, primera alimentación, primera menstruación de la niña, armonización de la familia, protección de las enfermedades, cura de las enfermedades y hasta la despedida de ese mundo (muerte).

Nuestros abuelos muy pronto elegían a algunas personas para ser preparadas. Utilizando sus bendiciones, desde el momento del nacimiento, ya iniciaba el proceso de preparación de las personas que se convertirían en sabios / sabias especializados. En los primeros años, la madre y el padre, asumen en nombre del hijo / hija duros dietas alimenticias. Porque nuestros abuelos nos enseñan que de esta forma el hijo e hija crece y madura desarrollando las cualidades específicas, pre-colocadas en el corazón y en la mente del niño: "El Espíritu está presente como fuerza vital en la vida y en las expresiones de los pueblos originarios. A partir de la adolescencia el niño / niña asume y vive las disciplinas recomendadas por los sabios. La formación inicial y continuada, seria y exigente, de lo cotidiano y de los rituales capacita al joven. Cada uno de ellos, conforme la capacidad de asimilación de los conocimientos ellos / ellas alcanzan la madurez. Se convierten en personas con poderes de agenciar las fuerzas físicas y espirituales, capaces de transformar los materiales (sólido, líquido...) en fuentes de protección, establecer el equilibrio de las relaciones humanas, relaciones equilibradas de los seres humanos con otras realidades envolventes, entre sí los diversos mundos. Ellos con sus bendiciones dialogan con los seres invisibles / espirituales para traer al mundo material las fuerzas invisibles capaces de cuidar la vida humana, la vida de la comunidad, el medio ambiente, etc.

En lengua tuyuka nuestros **Kumua** (filósofos, teólogos, bendecidores, curadores, protectores), **Bayaroa** (especialistas de ceremonias de danzas y cantos), **Yaiwa** (expertos en detectar las enfermedades y extraer las enfermedades), y **mujeres sabias** nos enseñan que el Abuelo / Padre / Madre del Mundo, de las personas, de los seres vivos existentes en el mundo de las constelaciones, en el mundo subterráneo y en el nivel de la tierra, en el firmamento, nos entregó los conocimientos para que con ellos cuidáramos bien de las personas, de las comunidades, de los territorios y del cosmos. "El ser humano no es sólo criatura, sino imagen e hijo de Dios. "Al encarnarse, Dios se hizo humanidad y parte del cosmos" (LS 99; 236)¹⁰. Nuestra dignidad consiste en ser pueblos, con nuestras riquezas y valores que el Abuelo / Padre / Madre de la Creación nos dio.

Las sabidurías divinas encarnadas en cada cultura también señalan cuando no conseguimos vivir conforme a la voluntad divina y como nos gustaría vivir. Algunas prácticas humanas destruyen nuestras vidas, corrompen nuestras actitudes humanas y desestructuran nuestras relaciones sociales; desequilibran la conexión con los diversos mundos. Nos sentimos afectados por las fuerzas de los males que nos impiden vivir bien con las personas. Ante estas imperfecciones buscamos caminos de cambio, como individuos, como pueblo y comunidades. Una vez más aparecen las figuras de personas especializadas, como voces proféticas, para orientar y hacer rituales para establecer armonía y equilibrio dentro de nosotros mismos como individuos y como miembros de un pueblo de hermanos. Nuestros sabios son personas de profunda comprensión del mundo y de las personas. Para alcanzar esa profundidad cultivan las meditaciones individuales y colectivas en lo cotidiano y en las fiestas. Creo que fue el Creador / Creadora que ilumina sus vidas, sus meditaciones y sus palabras a los miembros de su pueblo. Inspirados por

¹⁰ Conclusiones del V Simposio de Teología India, Chiapas, 2014.

las sabidurías invisibles / divinas, ayudan a resolver los diversos desequilibrios humanos y sociales.

3. EVANGELIZACIÓN

Hace más o menos 500 años los primeros misioneros llegaron a la Amazonía. Con el paso de los años y siglos diversas congregaciones religiosas masculinas y femeninas llegaron a la región. Cada congregación a su modo, también delante de diferentes formas de aceptación, resistencia y negación de los pueblos indígenas, realizaron los trabajos para los cuales llegaron: evangelizar, cristianizar, civilizar, etc. Son muchos siglos de historias, no se puede entender en poco tiempo la complejidad de la acción misionera. Son muchas personas involucradas, misioneros, misioneras, sacerdotes, obispos y miles de laicos pertenecientes a los diversos pueblos amazónicos y pueblos indígenas. Muchos indígenas recibieron los sacramentos de la Iglesia: Bautismo, Eucaristía, Reconciliación, Crisma, Matrimonio, Unción de los enfermos.

En cuanto al sacramento de la Orden, muy pocos indígenas recibieron ese sacramento durante todos estos siglos. Nuestros abuelos acostumbrados con esa historia poco cuestionaron sobre eso. Muchos indígenas piensan que convertirse en sacerdote es propio para el no indígena, no un sacramento de la Iglesia. Cuando un indígena se vuelve sacerdote le preguntan: ¿por qué te has convertido en sacerdote? ¿Tú no es indígena? ¿Indígena puede ser sacerdote? El Sínodo de la Amazonía nos desafía a proponer nuevos caminos para la Iglesia. No es un trabajo fácil, pues pone en juego los conocimientos y prácticas bien arraigadas, con raíces muy profundas en nuestras mentes y nuestros corazones.

4. EXPERIENCIAS CRISTIANAS Y VOCACIONALES

Yo nací (1961) en una aldea, una comunidad cristiana y mis padres eran catequistas. Mi padre era un catequista disciplinado, según las tradiciones de la Iglesia, diariamente animaba la oración de la mañana en la comunidad, con su familia rezaba el rosario todos los días, los domingos dirigía el culto dominical, visitaba a cada familia para ayudarlas en la vivencia de los valores cristianos. Mi padre falleció con 33 años de catequista (1996) y mi madre falleció en 1989. Así como mis padres existen miles de catequistas que animan la vida cristiana en sus comunidades.

Fue en esa aldea que cuando yo era adolescente vi una escena misionera y vocacional: un misionero italiano muy animado catequizaba a los viejitos de la aldea. Él les habló en lengua portuguesa, por eso, ellos no entendían. A pesar de no entender, se mantenían con los ojos fijos en el misionero. Con mi imaginación de un adolescente tuyuka pensé que podría hacerme sacerdote para hablar a mis abuelos con nuestra lengua y ellos entenderían la belleza del mensaje de Jesús.

Después mi padre me dejó para estudiar en el internado de la Misión Salesiana de Pari-Cachoeira¹¹. Fue allí que en una de las visitas al internado el obispo de la Prelatura del Río Negro, San Gabriel da Cachoeira, nos contó que él iniciaría un Seminario para acompañar a los jóvenes que quisieran convertirse en sacerdotes. Habiendo escuchado esa noticia, yo y algunos jóvenes nos interesamos y fuimos a conversar con un sacerdote salesiano. Cuando él oyó que queríamos estudiar para ser sacerdotes, él dijo: ser sacerdote no es para los indígenas. Creímos en eso y seguimos nuestra vida de estudiantes. En otro momento otro salesiano se dispuso a

¹¹ Los salesianos salieron de esa misión a finales del año 1998.

acompañar a quien quisiera seguir la vocación. Fue así que decidí seguir el camino vocacional, pero mi abuelo y mi madre no estuvieron de acuerdo con esa decisión, porque ellos me habían preparado desde niño para que me convirtiera en una persona especializada en rituales de danzas / cantos. Mi padre que era catequista consintió que yo hiciera tal experiencia.

Estamos a principios de la década de 1980. Yo fui a Manaus para comenzar el camino vocacional. Fui siguiendo por todas las fases de la formación (aspirantado, pre-noviado, noviado, estudios filosóficos y teológicos). He tenido muchas dificultades, pero he superado con la ayuda de mis formadores y colegas. Yo estuve haciendo memoria desde el año 1980 hasta el tiempo presente, sobrepasamos los 300 jóvenes que pasaron por los Seminarios: salesianos, capuchinos, diocesanos y otras congregaciones. Muchos decidieron salir en los primeros años de formación, otros en el período de votos temporales, algunos después de la profesión perpetua; otros salieron durante los estudios de la Filosofía, otros durante los estudios de la Teología y otros en los primeros años de sacerdocio.

A partir de esas experiencias fracasadas los salesianos, en el año 1994 en la Misión Salesiana de Iauareté, iniciamos el Centro de Formación Indígena (CFI) para el acompañamiento de las vocaciones indígenas en los primeros tres años de formación. Durante ese período buscamos trabajar los temas indígenas para fortalecer las identidades indígenas y prepararlos para las siguientes etapas formativas. Después de estos años iniciales los jóvenes indígenas son enviados a otras etapas que, generalmente, funcionan en las ciudades. Gracias a la nueva experiencia alcanzamos un resultado más satisfactorio. De los que pasaron en ese Centro, 5 se convirtieron en sacerdotes; un estudiante de Teología, un estudiante de Filosofía, 3 novicios, 6 pre-novicios y dos aspirantes. Hubo aumento de indígenas sacerdotes en el clero diocesano: 4 sacerdotes, un diácono, otros estudian Filosofía y Teología en Manaus. Otros indígenas están en otras congregaciones. Las vocaciones femeninas han aumentado bastante en diferentes congregaciones religiosas que actúan en nuestra región.

El cuadro actual muestra para los pueblos indígenas de nuestra región que es posible el seguimiento a la vocación sacerdotal y religiosa. Así desconstruimos la visión de que convertirse en sacerdote es propio del no indígena, pero convertirse en sacerdote forma parte de la vida cristiana, de la respuesta positiva al llamado de Dios. Con la gracia de Dios y con ayuda de hermanos de la Comunidad vivimos los consejos evangélicos de pobreza, castidad y obediencia. El celibato como un don de Dios se vive en todas las culturas.

5. VIDA SACERDOTAL Y MISIONERA

A principios del año 1994 cuando aún era diácono fui enviado por mis superiores como misionero a la Misión Salesiana de Iauareté, Amazonas - Brasil. Trabajé con los pueblos: Arapaso, Tariano, Tuyuka, Tukano, Desano, Piratapuia, Wanano, Kubeu, Mirititapuia, Hupda y otros. El 2 de junio fui ordenado sacerdote. Iauareté fue uno de los lugares que actué en diferentes períodos (1994-1997, 2005, 2007-2008). Yo siendo un sacerdote indígena quise hacer innovaciones en el estilo de actuación pastoral y celebrativa. Soñamos y concretamos las celebraciones inculturadas, con cantos y ritmos en lengua tukano; utilización de las pinturas corporales, etc. Elaboramos subsidios para una Catequesis inculturada. Estos intentos de innovación también generaron dudas y conflictos entre los indígenas, cuestionaban: ¿por qué los elementos culturales antes considerados diabólicos por los misioneros en la actualidad se utilizan en las celebraciones de las misas? Ante eso, ni yo ni el pueblo estábamos preparados para innovaciones profundas. Como

ya dije anteriormente, el estilo misionero antiguo estaba bien enraizado en las mentes y en los corazones de los indígenas cristianos. Por eso, yo digo que cambiar de mentalidad no es tan rápido, pues mueve con muchas historias, tradiciones, sentimientos, emociones, estructura psicológica y creencias construidas por muchas décadas.

En los años 2007-2008 fui director y párroco en la misma misión salesiana. El master en educación que acababa de defender ayudó en mi práctica pastoral, estudios de nuestras riquezas culturales y retomar con las celebraciones inculturadas y catequesis inculturada. La participación de los sabios y de las sabias de cada pueblo fue muy importante para que pudiéramos asumir los sueños como comunidad parroquial. Ellos mismos estaban asumiendo el protagonismo en la preparación de las celebraciones, en la formación de líderes, catequistas, ministros extraordinarios de la Sagrada Comunión, coordinadores de diversas pastorales. Yo soñaba con ellos hacer un trabajo diferente al de los salesianos venidos de Europa, sin perder el carisma salesiano y sin perder los valores culturales de cada pueblo.

En el período de 2010 a 2016 fui enviado como misionero entre el pueblo Yanomami, en la Misión Salesiana de Marauiá - río Marauiá - Amazonas / Brasil. Cuando llegué allí, el primer salesiano había llegado hace 49 años. Yo ayudaba en la formación de los profesores yanomami. Vivíamos nuestra vida salesiana, vida de oración y celebración. Los jóvenes, adolescentes y niños participaban en esos momentos. En la misa cuando los misioneros recibían la Comunión todos ellos querían comulgar y nosotros les decíamos a ellos que no podían comulgar, todavía.

Nosotros les decimos que sólo después del bautismo recibirían la primera eucaristía. Los jóvenes y los adolescentes decían: quiero ser bautizado y recibir la primera comunión para recibir el Cuerpo de Jesús. Yo, siendo un indígena como ellos me sentía incomodado con aquello, como también sentía muy molesto con los misioneros que decían que aún no era tiempo de bautizar a los Yanomami. Pero yo decía: ya estamos aquí hace 50 años; ¿cuándo vamos a dar a esos Yanomami lo que más desean: el bautismo y la eucaristía? A partir de la constatación de ese deseo comenzamos a prepararles, pasaron cinco años. Los líderes llegaban conmigo y decían: ¡Padre Justino, usted es nuestro pariente, usted tiene que bautizar a nuestros hijos! Yo decía: estamos preparándoles.

La voluntad de recibir los sacramentos se estaba intensificando. Hasta que en el año 2015 durante la visita del obispo ellos dieron el ultimátum: señor obispo, ¿nos va a bautizar? Si no nos bautizamos no venga más; los misioneros desde hace mucho tiempo nos están engañando, diciendo que nos van a bautizar y no nos bautizan. A partir de esa actitud radical de los Yanomami comenzamos a bautizar a los Yanomami.

En medio del pueblo Yanomami sentí incluso cuánto es difícil vivir la alteridad. Pero ellos me ayudaron a descolonizar mis visiones y prácticas sacerdotales e incluso mis visiones y prácticas tuyuka. Me permitieron sumergirse en su cultura, participando de sus rituales, sus danzas, sus pinturas. Y al mismo tiempo yo soñaba que ellos podrían enriquecerse mucho más que yo en la vida de la Iglesia, pues son poseedores de tradiciones vivas. En mi imaginación yo decía a mis hermanos salesianos que los Yanomami, un día salvarían nuestra provincia, siendo seminaristas, llegando a ser salesianos y sacerdotes. Pero para llegar a ese nivel tenía que partir del primer sacramento. Si ellos no eran bautizados, aún, no es porque ellos no querían, pero los misioneros decidimos no bautizarlos, incluso cuando ellos expresaban que querían ser bautizados y vivir la vida yanomami cristiana.

CONCLUSIÓN

El Sínodo de la Amazonía vino para provocarnos. Que tengamos la capacidad de ponernos en el lugar del otro. Para quien no nació ni vive en la Amazonía es difícil el ejercicio de pensar los desafíos a partir de la Amazonía, a partir de las visiones de los pueblos amazónicos e indígenas. Recorrer un camino interior de superación de los prejuicios, falta de respeto, discriminación, exclusión históricamente contruidos por diversos miembros de la Iglesia. Los pueblos indígenas necesitan ser reconocidos y respetados por la Iglesia para que viviendo en sus territorios construyan una Iglesia con rostro indígena. La Iglesia necesita construir nuevo tipo de relación entre los miembros de la Iglesia, indígenas y no indígenas, que la Iglesia confíe y apueste en las capacidades y riquezas de los pueblos indígenas. Este proceso nuevo necesita pasar por el cambio profundo de actitudes, compartir con los pueblos indígenas lo mejor que la Iglesia puede compartir, el amor que Dios tiene por todas sus criaturas. La Iglesia con rostro amazónico y rostro indígena surgirá de las nuevas actitudes humanas, cristianas y eclesiales. De esa forma los rostros amazónicos e indígenas estarán más serenos, confiados, dispuestos, sonrientes, comprometidos, valerosos, satisfechos en el proceso de evangelización, en las celebraciones, etc.

Los diversos ministerios que se originan dentro de cada cultura amazónica e indígena pueden ser reconocidos y valorados como ministerios eclesiales. Los nuevos ministerios pensados con los pueblos amazónicos e indígenas para la Iglesia en la Amazonía necesitan ser resultado de la nueva forma de ser Iglesia en la Amazonía, no sólo para superar la falta de ministros ordenados para atender a las grandes regiones geográficas.